

Fragmentos XLIII



Por AIRTON PASCHOA*

Uma peça curta

Vamos nos matar

Não se agite o leitor, não o convido a abreviarmos *la dolce vita*, nem se ajuste, solene, ao banco duro do metrô, à espera do trágico. Não, amamos a vida e respeitamos os mortos. Continuemos relaxados, tais qual a figura de olhar vazado que parece acorrentar ao sofá, deitado, a garra invencível do Tédio, verdade que sem muito esforço, no instante em que soa solerte a malfadada campainha. Quem será? A uma hora destas? Não havia recurso à mão, pistola desintegradora, pó de pirlimpimpim, buraco providencial, nada, nem meio de empalhar-se provisoriamente, ou, quem sabe, até o fim dos tempos, assim expiava de vez aquele crime premeditado, horrendo, tá certo que era trabalho escolar, que a professora de artes mandara, mas isso atenua o fato? fora ele, ele! que matara a pobre pombinha, e a matara paulatino, com requintes de crueldade, involuntários, sem dúvida, mas nem por isso menos atrozes, metendo-a num saco plástico, sufocando-a, com um chumaço de algodão embebido em éter, por horas e horas, numa agonia arrastada, os olhinhos lutando por abrir, resistir, tentando, mas fechando, fechando, pra todo o sempre, e tudo pra dar em nada, bem-feito! Mas até que fora melhor assim... Poderia ele encarar uma rolinha empalhada, e que ele mesmo — empalhara? Não, nada que fazer, senão levantar e espreguiçar voando, coisa que detestava acima de todas as coisas, e desligar o vídeo, passava que filme mesmo? e botar roupão e comparecer à porta e dar o ar de seu chambre. Talvez fosse pequeno, vulgar, não muito novo e um tanto antiquado (do apartamento a descrição), mas dava pro gasto, pra pequena família, ele, a mulher, a filha. Pensava em comprar outro, lógico, maior, mas e o dinheiro? Ia ter que trabalhar mais... A não ser que reformulasse sua convicção profunda acerca da área ideal de habitação humana. Em certas ocasiões, havemos de convir, era evidente a vantagem de viver em setenta metros quadrados. Pensemos, por exemplo, em caso de fogo! Em tempo recorde se estava escada abaixo, ou à janela. Felizmente parecia não ser este o sinistro, ninguém sorri assim pro bombeiro:

— Ju!

— Rô!

Eis a tragédia, a história antiga. Ele é um homem; ela, uma mulher. E se isso não lhe inspira nada, hipócrita leitor, louvo-lhe a descrição, a verdade porém pede a palavra, até pra quebrar o constrangimento mútuo, o constrangimento inicial, aquele embaraço milenar, sabemos nós, de quem lhes sabe proibido o Paraíso. Não adianta dizer que não houve nada, ou fora tudo um mal-entendido. Eles se constrangem. É o véu eterno de lembranças passadas, futuras, efêmeras, a descerrar o jardim de delícias. São dedos, olhos, lábios, que se chamam, se acham, se inflamam e desmamcam, como chamas. Podia ser um poeta, sentia-o, no imo do ser, posto se aborreçam também, e por isso mesmo que talvez cantam, os poetas. Por

a terra é redonda

que, então, com os diabos, um deles sendo, não aproveitava que estava só e aborrecido e a seduzia alexandrinamente, à velha amiga? ela apetecia, afinal, depois de tanto tempo, e naquele tubinho vermelho... sem meia-calça... e sem calcinha, se bem a imaginava. *Why on earth*, pra lembrar o inglês que nunca aprendia? Será que o próprio amor o aborrecia? Quem sabe? Quem há de saber? Sabemos que os desígnios insondáveis da alma humana já foram sondados... Mas, e dinheiro pra consultar os epígonos do Dr. Segismundo? É froida, mermão. Sem dinheiro, enfim, pro apartamento, sem dinheiro, enfim, pro analista, sem dinheiro, enfim, pra aprender *in loco* o inglês... Sem dinheiro, enfim, que fazer? *what to do? make love?*

ROMILDO: Que bom te ver... Chegou faz tempo?

JULIANA: A semana passada, (*entrando*) mas já não vejo a hora de voltar...

ROMILDO: Mas já? toma um cafezinho antes...

JULIANA: Eu não aguento este país... E a Marta? a Lurdinha? Deve de estar uma moça...

ROMILDO: Compras.

JULIANA: Posso fumar?

(*gesto de indiferença de Romildo*)

JULIANA: Esta miséria toda... Não consigo nem fumar no carro, fico tensa... Parece que aumentou ainda mais...

ROMILDO: Você não disse que tinha parado?

JULIANA: Essa molecada em todos os faróis... É horrível!

ROMILDO: Distribuição de renda, minha filha...

JULIANA: Ai, eu não sei como você aguenta... (*largando a bolsa*)

ROMILDO: Vendo vídeo...

JULIANA: Você tinha que sair mais, viajar, rodar... ainda mais querendo ser roteirista...

(*silêncio*)

ROMILDO: Conseguiu a cidadania italiana?

JULIANA: Graças a Deus! (*largando o corpo no sofá*)

ROMILDO: Você está bem...

JULIANA: Dupla cidadã, que tal?

ROMILDO: Acho que uma só, minha filha, porque cidadão brasileiro... sei não.

JULIANA: É mesmo, ninguém quer saber da gente... nem Portugal! (*risinho com a mão na boca*)

ROMILDO: Mas me conta, (*tentando entusiasmo*) como é que foi a viagem? Paris é uma festa mesmo?

a terra é redonda

JULIANA: Paris é linda, linda... um passeio... um sonho... uma cidade pra pedestre... não pra carro, como este inferno aqui!

(coxa à vista)

ROMILDO: Você está bem...

JULIANA: Pega a minha bolsa... as fotos.

(grudadinhas)

ROMILDO: Você está mais jovem... Parece que a viagem...

JULIANA: Eu sou esta lindinha aqui, ó, (indicando-se na foto) no meio.

ROMILDO: E eu sou este aqui, ó, (close na Torre Eiffel) no fundo, alto, forte, de ferro!

JULIANA: Bobo... (cotoveladinha)

ROMILDO: Esta vontade de voltar, hem? até brilham os olhinhos...

JULIANA: Até sonho com isso...

ROMILDO: Ah, eu geralmente sonho que estou andando pelado no meio do povo...

JULIANA: Dizem que é insegurança, né?

(cara a cara)

ROMILDO: Às vezes me dá a impressão que cê tá fugindo, Ju... tanta viagem assim...

JULIANA: É isso que cê pensa, Rô?

ROMILDO: É.

JULIANA: Eu não penso...

(close no narizinho arrebitado)

ROMILDO: Ah, já sei, não penso, logo...

JULIANA: Existo! (abrindo os braços) Tem café?

ROMILDO: Tem café, tem cerveja, tem vinho, tem coca, tem veneno...

JULIANA: Ai, cê tá down?

ROMILDO: Eu não!

JULIANA: Não sei... cê diz umas coisas...

a terra é redonda

ROMILDO: Tô só brincando... Eu faço, mas você vai fumar antes?

JULIANA: Fumo depois também. Como é que cê conseguiu parar?

ROMILDO: Maria Fumaça!

JULIANA: Maria Fumaça... (*soltando a tragada*) Eu gosto... Piiuuuuuuu... (*imitando coquete uma maria-fumaça*)

ROMILDO: Eu vou fazer o café... (*levantando-se e apoiado-se como que casualmente na coxa de Juliana*) já volto... (*saindo*)

JULIANA: Maria Fumaça...

(*aproveitando a fumaça e esfumaçando o quadro lentamente, até o corte*)

ROMILDO: Tá bom?

(os dois tomado café, grudadinhos de novo no sofá)

JULIANA: Forte, né? (*rangendo os dentes*)

ROMILDO: Bom pra acordar, então...

JULIANA: Ah, mas eu não gosto de acordar, eu gosto de dormir.

ROMILDO: Dormir pra quê? pra acordar triste?

JULIANA: Triste?

(*estranhando a pergunta, e largando a xícara*)

ROMILDO: Nunca te aconteceu de sonhar um lugar, uma pessoa, mas tão real, tão real, e depois, ao acordar...?

(*Juliana faz cara de desentendida*)

ROMILDO: Ah, essa perfeição efêmera!

(*largando a xícara e largando-se, como que degustando a própria frase*)

ROMILDO: Ju!

(*e Romildo se retesa no sofá de repente*)

JULIANA: Rô!

(*e Juliana se retesa junto*)

ROMILDO: Ju... (*ansioso*)

JULIANA: Que foi? (*assustada*)

a terra é redonda

ROMILDO: Ju... (*pegando-lhe na mão, apertando-a*)

JULIANA: Ai... cê tá bem?

ROMILDO: Ju...

JULIANA: Rô...

ROMILDO: Vamos nos matar! (*eufórico*)

JULIANA: Cê tá louco?!

ROMILDO: Vamos nos matar! (*levantando-se, levantando-a, segurando-a pelos ombros, apertando-os*) vamos nos matar!

JULIANA: Me larga, tá maluco!? (*tentando se desvencilhar*)

ROMILDO: Vamos nos matar... (*quase pedinte*)

JULIANA: Me solta... me larga... vamos... (*se desvencilhando*)

ROMILDO: Vamos... nos...

JULIANA: Vamos nos sentar.

(*arrumando-se, arrumando o tubinho que subira*)

JULIANA: Por favor...

(*Romildo caindo em si e no sofá, exausto*).

*Airton Paschoa é escritor. Autor, entre outros livros, de Post streptum: espólio (e-galáxia). [<https://amzn.to/4oHE6kK>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA